

## Sentença da meia-noite

Recebido em: 06-06-2020  
Modificado em: 15-07-2020  
Aprovado para publicação em: 31-07-2020

 <https://doi.org/10.47456/simbitica.v8i1.35440>

---

**Mauricio Fontana Filho** 

ORCID: 0000-0003-1347-8903

Especialista em Ciências Sociais pela Universidade Passo Fundo. Graduado em Direito pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: [mauricio442008@hotmail.com](mailto:mauricio442008@hotmail.com)

---

Do nada, vai ao nada,  
Aquele que dentro nada abriga,  
A chuva remete com desgosto,  
Seu olhar de doce ruína.

Ao acaso se vai, e sim assusta,  
Nesta noite que alucina,  
A cegueira não mais lhe intimida,  
Ossos velhos de doce ruína.

Vai andando em lua crescente,  
Deflagrado pelo destino que esquiva,  
Viveu de fato e agora espera,  
Não por humano, mas por quimera,  
Lhe afeta e jamais suspira,  
Diga a ela! Diga a ela!  
Inexplicável doce ruína.

172



Embora sujo e esquizofrênico,  
Já fora possuidor de virtude cínica,  
Há muitos tempos jaz, e outros mais,  
Hoje apenas jaz doce ruína.

Pragueja aos ventos eternos:  
Diga a ela! Diga a ela!  
A fúria de um velho trêmulo.  
Uma pá é o que lhe resta,  
E o seu próprio coveiro.

É nesta noite fria e úmida,  
Que agora cai e renuncia,  
Apenas vozes o acompanham,  
Apenas vozes de doce ruína.